

# O BURRO ~EM~PÉ. 7

por José  
Cardoso  
Pires e  
João Abel  
Manta

# À LUZ E EM CORPO (QUASE) INTEIRO



A 18 de Novembro p. p. o bacharel Quadros (António de Castro e Quadros Ferro, que também assina António Gabriel de Quadros Ferro) veio ao **Diário Popular** protestar contra 5 escritores (actualmente são seis) que, em diferentes momentos e lugares, publicaram artigos sobre ele. Embora sabendo que não havia sequer relações pessoais entre alguns desses escritores, o bacharel António Quadros disse tratar-se de uma campanha organizada (argumento convencional dos totalitarismos) mas não especificou a soldo de quem ou de que potências. Declarou que todos eram «ambiciosos e provocadores» (introduzindo assim na polémica o palavreado rasteiro) e insinuou a traço bem vincado que não passavam na generalidade de censores, denunciadores e polícias das letras.

Ainda que estas afirmações estivessem defendidas pelo escudo cómodo das generalizações, um dos visados, o escritor José Cardoso Pires, quis saber se aquilo era com ele, e, no **Burro-em-Pé** de 30 de Novembro, provou, com todas as letras e palavras no sítio, que as acusações revertiram a quem as tinha proferido.

O bacharel veio agora responder (**Diário Popular**, 16 do crte.) mas as acusações — mais disfarçadas, é certo — não estão totalmente anuladas.

## 1 — A CENSURA

Em vez de «A Outra Censura» — título do 1.º artigo do bacharel António Quadros — este de agora abranda para «A Outra Cultura». Não convence, como é óbvio.

José Cardoso Pires tinha declarado que se alguém praticava censura era o bacharel cuja profissão, a de membro do Conselho de Leituras das bibliotecas da Fundação Gulbenkian, lhe atribuía o encargo de seleccionar escritores e recomendar ou não a compra de exemplares. Que se alguém tem poderes e ofício de divulgar ou silenciar autores é ele.

Ao que o bacharel não respondeu.

## 2 — A DENUNCIA

José Cardoso Pires, além de perguntar se a insinuação de «denunciante» lhe era pessoalmente dirigida, afirmou que o bacharel António Quadros é que a tinha praticado a denúncia política, ao acusá-lo de «socializante», ao indicar um outro como «materialista internacionalista» e a todos como «sombrios representantes de um novo obscurantismo já ensaiado nos estados totalitaristas.»

Perante isto, o bacharel António Quadros vem argumentar agora (**Diário**, 16 do crte.) que — «socializante é «uma palavra inócua» e que «socializante também ele é»; que nisso está identificado com o Estado Social em que vivemos:

— quanto a «materislista internacionalista» usou a expressão no contexto de «uma pessoa atacada em nome de posições materialistas internacionalistas» — e mais nada.

Isto convence alguém?

A insinceridade desta «correção» é tal que a seguir aponta os mesmos escritores como actuando em obediência a «palavras de ordem» por contraste com ele, que «engeita obediências políticas de qualquer espécie.» Ou seja: desculpa-se, insistindo na denúncia política. Por aqui fica logicamente em causa

## 3 — O HOMEM INDEPENDENTE

que o bacharel António Quadros se proclama ser, a todo o passo. E José Cardoso Pires veio a seguir refutar essa independência, enumerando uma série de revistas de ideologia bem extremada — desde **Acção**, de Manuel Múrias, ao **Panorama**, do SNI — onde o bacharel António Quadros tinha colaborado, ao lado de Alfredo Pimenta, Plínio Salgado, Padre Videira Pires, António Manuel Couto Viana, Amândio César, Goulart Nogueira, Agustina Bessa Luis, Alvaro Ribeiro, Orlando Vitorino, João Ameal, etc.

Resposta do bacharel: que se trata de «uma montagem mediocre», visto que nessas revistas também colaboraram autores não integrados nelas politicamente. E cita nomes.

Em primeiro lugar, dos escritores que ele invoca como cobertura só um apareceu, e com pouca assiduidade, numa que noutra dessas publicações, enquanto que ele está em todas, mas em todas — o que lhe confere outra responsabilidade. E em segundo lugar, interessa saber mesmo assim as datas em que esses nomes

surgiram nas referidas revistas, dado que alguns deles evoluíram para posições opostas às delas.

Entretanto, o bacharel abona-se ainda com outro argumento: que escreveu igualmente em duas publicações liberais e numa terceira, **O Tempo e o Modo**... ao lado de... Cardoso Pires!

Ora, José Cardoso Pires no **Tempo e o Modo** está perfeitamente de acordo com uma atitude bem definida que sempre assumiu ideologicamente, ao passo que o bacharel aparece ali, e **uma só vez**... para responder a um simples inquérito de larguíssima amplitude. Em contrapartida quantas vezes aparece, p. ex., na **Acção**?

Mas há mais. O independente «que jamais pertenceu a um grupo» (**Diário de Notícias**, 29-X) é afinal um homem de grupo. Conduziu durante cinco anos o «Movimento 57», que dispunha de jornal próprio, ideário expresso e projecto para um Colégio das Artes, e organizou seguidamente um outro — o do «Ideal Português» — com colóquios e publicações de teses. Não eram grupos?, insistiu José Cardoso Pires.

A resposta, no **Diário Popular** de há 4 dias, evita o primeiro. Refere-se apenas ao segundo, confessando que sim, mas que «se tratava de um grupo livre sem obediências políticas de qualquer espécie.»

Ora, adeus.

Estes são os aspectos de fundo, aqueles que definem uma falsa independência política e intelectual. Todavia, estão ligados à independência

moral, á ética e aos métodos, com a inevitável ilustração do comportamento cívico, ou seja, à biografia. O bacharel António Quadros chama a isso

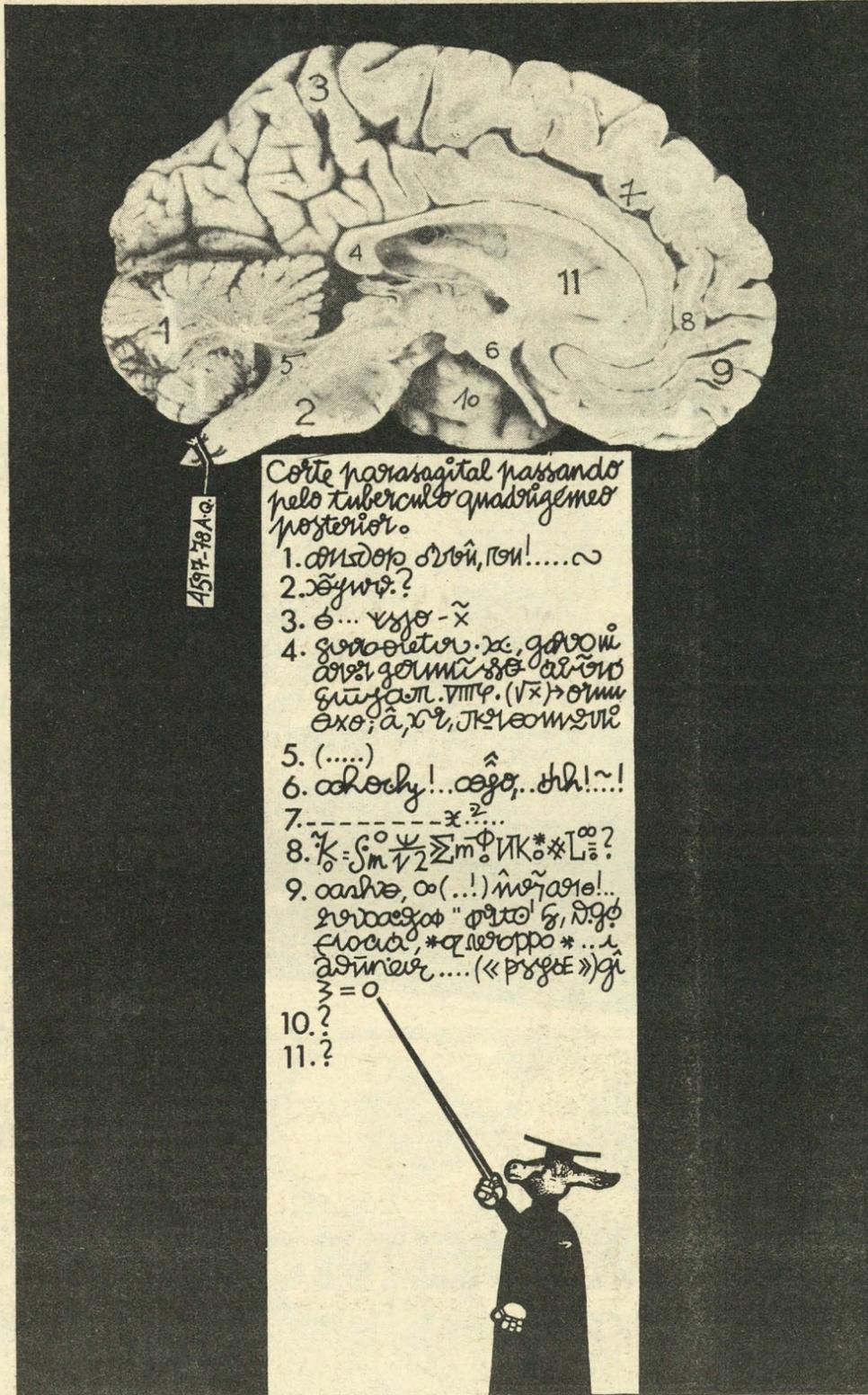
## 4 — A DEVISSA PESSOAL

acusando José Cardoso Pires de a ter praticado ao citar revistas e lugares que o bacharel ocupou.

Ora ser funcionário público ou da Gulbenkian não é desonroso para ninguém. Apenas, quando quase sistematicamente se colabora em publicações de enquadramento oficial e se tem vivido de lugares oficiais ou profundamente integrados no **establishment**, esta concomitância de acasos torna-se significativa. Ou não?

Mas o mais curioso é que a devassa foi o bacharel quem a iniciou. Logo no primeiro artigo pôs em público dedicatórias privadas de um ex-companheiro, recordou compromissos de um outro e, em resposta ao texto de **O Burro em Pé** (que não continha a menor alusão à sua vida privada) foi ele, sim, quem veio falar de lugares e empregos, inventando que José Cardoso Pires tinha sido director literário da editora Moraes e sugerindo manigâncias à volta de um cocktail organizado por aquela editorial. Chamado a explicações, responde agora desta maneira:

«Se deixei uma alusão irónica ao cocktail foi por isso, que me pareceu divertido na forma que tomou, em nada comprometia moralmente.»



Pronto, estava a retratação feita. Mas qual quê! Tal como tinha insistido na denuncia depois de ter negado a intenção, o bacharel insiste, mais adiante, na devassa pessoal depois de a ter recusado: informa que José Cardoso Pires trabalhou em tempos na Publicidade, indicando inclusivamente a marca de um produto de que fez o «copy writing» para sugerir nas entrelinhas uma predisposição para promoções forjadas.

Para José Cardoso Pires o facto não tem importância. Entende que as formas do ganha-pão são esclarecedoras e que só as oculta quem tem as suas razões. Ele, que é escritor de profissão, acrescenta mesmo:

Que nunca teve lugares públicos; nunca ganhou dinheiro nem colaborou com publicações ideologicamente comprometidas com o «statu quo»; nunca solicitou nem beneficiou de bolsas, facilidades ou recomendações oficiais e tanto assim que, se exerceu o magistério na Universidade de Londres, o fez a convite **directo e exclusivo** daquela instituição.

No tocante às relações autor-editor, que parecem preocupar obsessivamente o bacharel, considera José Cardoso Pires que também isso é importante e esclarecedor. Mas cansado de tantas frechadas indirectas e consequentes correcções por parte do bacharel António Quadros, tanta violência, tanto remoque, acha-se francamente nos limites da paciência. No último **Burro-em-Pé** ainda sugeriu que seria conveniente evitar-se esse terreno mas o bacharel não percebeu e veio à carga... infelizmente para ele.

Em boa verdade, é perfeitamente compreensível que um cidadão independente e ímpoluto se mostre alertado e use por vezes de excessos, aterrorizado pela poluição que vem notando no mercado do livro. Que lhe enojem as negociatas editoriais e os falsos prestígios. Simplesmente não pode ser esse o bacharel Quadros porque as manigâncias que **imagina** no semelhante vêm da experiência com que **realmente** ele próprio as **praticou**, como pode comprovar José Cardoso Pires, apresentando documentos que lhe chegaram às mãos, devidamente firmados com a assinatura de António Quadros.

Eis porque, quer se queira, quer não, o que agora está já à luz é um curioso caso de personalidade. O perfil de um falso moralista colocado em primeiro plano e quase em corpo inteiro. Quase...

## POST SCRIPTUM (MUITO PESSOAL)

Ah, já me esquecia: o dr. António Quadros põe-me um problema de estilo e de verdade.

a) Abre todos os artigos virado para o público, a declamar modéstia e honestidade, lamenta a falta de civismo que vai pelo mundo das letras, invoca os seus vinte e cinco anos de escritor, refere o silêncio com que tem sido recebido. Agradece ao jornal que o acolheu, elogia a redacção.

Posto isto, entra na matéria de facto e desata a chamar nomes às pessoas com alegria e rancor. Burro em pé, falacioso, ignorante, ...enfim, adjectivos não me faltaram vindos da pena independente e moralizante do dr. António Quadros, e sem que se lhe tivesse acompanhado o tom. É que no mesmo inverno e à mesma hora, Quadros tem a chuva dele; eu tenho a minha.

b) Por essa razão não admito discutir a **minha** (sublinhado) obra com o dr. António Quadros: não estou para o fazer sair da sombra. Compreendo (se compreendo!) que uma citação crítica a meu respeito se lhe afigure injusta por elogiosa, mas terá de aceitar que nem todos pensam como ele. E se desconfia da objectividade da crítica nacional, poderá recorrer à estrangeira, a ensaios e teses sobre a obra do «ignorante escritor» José Cardoso Pires e a publicações venalíssimas como *The Times Literary Supplement*, *Books Abroad*, *Quinzaine Littéraire*, *Le Monde*, *les Lettres Françaises*, *Figaro Littéraire*, *Magazine Littéraire*, *L'Express*, *Insula*, *Europa Letteraria*, *Tempo* (de Milão), *Paese Sera* e *Le Nouvel Observateur*, que no seu balanço literário colocou uma obra deste autor entre os melhores romances estrangeiros do ano. Estas referências, e outras mais, aparecerão, devidamente datadas, no catálogo que a Editora Moraes está agora a preparar.

c) Claro que ao Dr. António Quadros tudo parece suspeito.

Ele exige independência, rigor crítico — e, pois bem, faça-lhe a vontade. A partir de agora

# À LUZ E EM CORPO (QUASE)INTEIRO



*Continuação da página anterior*

vou utilizar o seu juízo imparcial propondo ao meu editor que de futuro anuncie duas citações válidas e essas, sim, justíssimas:

CARDOSO PIRES, UM ESCRITOR IGNORANTE -- António Quadros

Seguida destoutra:

UM TALENTO QUE NÓS  
ADMIRAMOS -- António Quadros

E que me chegou recentemente ao conhecimento a obra **Crítica e Verdade** onde na pag. 239 (edição unica, como todas as de A. Quadros, e data da de 1964) se pode ler:

«Estamos tanto mais à vontade para criticar a concepção de José Cardoso Pires neste **Render dos Heróis** quanto admiramos o seu talento. Ele soube escrever uma novela de autêntica renovação do neo-realismo em **O Anjo Ancora-do**, fábula que revela na clara e crua luz de um foco inédito uma situação cuja injustiça se torna aguda e pungente, deixando sulcos angustiantes na nossa memória.»

E disse. Chega?